

SÍNTESE DA OFICINA 2

PONTOS PRINCIPAIS DA OFICINA 2

1 - A Oficina 2 não foi apenas uma oficina temática. Ela congregou os sujeitos dos movimentos sociais e intelectuais ativistas.

Sendo assim, já no primeiro dia esses sujeitos em movimento questionaram e criticaram uma relação de ausência no título da própria oficina e incoerência entre este e a sua própria composição. A presença do movimento feminista nas suas várias vertentes e formas e do movimento LGBT no Brasil e demais países latino - americanos não estava contemplada. Ficou de fora do título da oficina os militantes e intelectuais engajados que atuam no campo da diversidade sexual. Ao serem advertidos dessa situação, todos os integrantes concordaram com a mudança do nome da Oficina 2 e a ela acrescentaram o que julgaram ausente. Portanto, ela passou a se chamar: *“Interculturalidade, Plurinacionalidade, Afrodescendentes, Indígenas e Dissidência Sexual”*.

2 - O desafio da tradução intercultural e interpolítica:

Durante a oficina alguns conceitos usados pelos integrantes nas suas diferentes lutas tiveram que ser explicitados. Muitas vezes, era necessária uma tradução desses conceitos por meio da comparação, pois tivemos que enfrentar o desafio da língua e da linguagem: português e espanhol, bem como diferentes sotaques do espanhol e do português. Aquilo que parecia ser comum e compreensível a todos nem sempre o era. Assim, o cuidado com a explicitação do que se queria dizer e a necessidade de “hablar despacito” foram constantemente lembrados. Também o cuidado para que alguns materiais escritos fossem apresentados em espanhol e português foi destacado.

3 - A urgente necessidade de compreensão, na prática, da articulação entre o direito social e dos direitos coletivos.

A Oficina 2 revelou, a todo momento, que ali se discutia e estava explícita a tensão e o conflito vivido pelos seus sujeitos na luta pela garantia de direitos coletivos na América Latina.

Refletiu-se sobre o desafio de produzir outras histórias, fazê-las emergir, superar nossas ignorâncias sobre outras histórias, ouvir outras narrativas diferentes do enfoque eurocêntrico, tal como a história nos foi contada. Reconhecer a existência de outras histórias pautadas em outras lógicas e, nesse processo, compreender que ainda falta um diálogo intercultural e interpolítico entre os ativistas dos movimentos sociais e intelectuais engajados da América Latina, África e do Sul Global de modo geral.

4 - A superação do imaginário colonial do Brasil em relação aos outros países da América Latina.

Em vários momentos, os integrantes brasileiros da Oficina 2 foram repreendidos e alguns se autoreprenderam quando utilizavam a expressão “o Brasil e a América Latina”. Reconheceu-se que o uso de tal discurso expressa a forma como se o Brasil se vê diante dos outros países da América Latina. É como se ele não fizesse parte do continente latino-americano ou tivesse alguma prioridade nessa relação, o que expressa a postura colonial com a qual o Brasil se coloca em relação aos demais países.

Reconheceu-se que o fato de termos na UPMS ativistas de movimentos sociais e

intelectuais engajados que lutam pela emancipação social, não foi suficiente para superar essa arrogância histórica.

5 - Nas vivências e lutas dos seus sujeitos da Oficina 2 estavam presentes as temáticas das Oficinas 1 e 3.

Na Oficina 2 estavam presente parte dos sujeitos concretos que hoje vivem toda a violência imposta pela atual forma de organização do capitalismo no mundo que explora, destrói, desorganiza, violenta e mata o meio ambiente e as pessoas. Uma violência capitalista que destrói vidas humanas e histórias construídas na relação com a terra, a água e o território, persegue povos, etnias, raças e culturas muitas vezes com aquiescência do próprio Estado.

Estavam presentes ativistas dos movimentos sociais e intelectuais engajados que têm participado diretamente da luta pela defesa da água, da terra e da produção agrícola sustentável. Para além de pequenos produtores rurais, a Oficina contou com a presença de mulheres indígenas campesinas, lideranças indígenas, quilombolas e povos do campo que mais contundentemente expressam essa luta. Portanto, os sujeitos da Oficina 2 representam coletivos sociais que continuam sendo vítimas de genocídios na América Latina e outros continentes.

Um dos maiores focos da Oficina 2 foi a necessidade de reorganização dos movimentos sociais e da produção intelectual engajada na luta pelo direito à vida, pela autodeterminação dos povos, por uma vida sustentável, pela economia solidária, pela soberania alimentar, pela ressignificação política dos direitos humanos.

Essas dimensões da dinâmica social e política se fizeram presentes na vida dos sujeitos em movimento da Oficina 2 e nas suas narrativas de lutas. Por isso, o tema da oficina 1: “Terra e soberania alimentar, direitos humanos e economia solidária/populares” e da Oficina 3: “Ecologia, Madre Tierra, Recursos Naturais e Extrativismo” se fizeram presentes nas discussões e nas trajetórias de vida e política dos integrantes da Oficina 2.

6 - A constatação de que o Estado, na América Latina e em outros lugares do mundo, está cada vez mais refém do capital.

O lugar do Estado e a sua relação com os movimentos sociais marcou as discussões e reflexões da Oficina. Discutiu-se que o capitalismo, na sua mais atual versão, se expressa por meio de acordos, dependência financeira e inserção violenta de seus quadros políticos e empresarias na estrutura do Estado. Cada vez mais a ideologia mercadológica das grandes empresas capitalistas se insere nas lógicas e nas políticas do Estado, inclusive, dos governos de caráter progressista.

Algumas indagações surgiram ao longo da oficina: afinal, o que é o Estado? Pode-se dizer que o Estado dito democrático e popular é um aliado dos movimentos e das lutas sociais? Ou ele é um inimigo? Qual tem sido a relação dos movimentos sociais com o Estado nos diferentes países da América Latina? E na África? E na Europa? Tem sido uma relação de: Confronto? Pressão? Aliança? Negociação? Cooptação? Ou todos esses?

Quanto poder tem os movimentos sociais para incidir sobre o orçamento do Estado? Quando o Estado e suas políticas dizem garantir recursos públicos aos movimentos sociais por meio de políticas e programas, isso se faz na perspectiva do reconhecimento

dos direitos? Ou essa relação com o Estado e os recursos públicos vindos das políticas públicas aprisiona e/ou acomoda os movimentos sociais e os intelectuais engajados?

APRENDIZADOS DA OFICINA 2

Apresentamos, a seguir, uma tentativa de síntese da riqueza desse importante aspecto discutido durante a oficina e que poderá apontar caminhos para as futuras oficinas da UPMS e para o trabalho dos movimentos sociais e intelectuais engajados presentes.

a) o reconhecimento de que, ao saber a existência de uma escala de lutas sociais (nível transnacional, nacional e local), devemos superar a tendência de priorizar uma escala em detrimento da outra. O desafio está em conectar as lutas e suas escalas e lançar mais atenção para as lutas locais que tendem a ser desconsideradas.

b) a compreensão de que devemos superar a tendência a hierarquizar os movimentos sociais e suas lutas. Para tal, a construção do interconhecimento entre os movimentos é importante. Por isso, a ampliação da proposta da UPMS se faz urgente.

c) é importante compreender que o que nos une e nos separa possui estreita relação com o modo como a história foi escrita e contada. Somos herdeiros de uma perspectiva ocidental de mundo e de ciência que nos produziu como separados. Esse processo tem como consequência a forma como nos concebemos e pensamos como sujeitos. Assim, é necessário repensar a história dos movimentos sociais a partir da escuta atenta àquilo que os próprios movimentos têm a dizer. Para os intelectuais engajados se coloca o desafio de repensar a própria produção teórica sobre os movimentos sociais. A Oficina 2 salientou ainda mais a necessidade da produção de um conhecimento que se realize junto com os movimentos sociais, com a participação dos movimentos e não sobre os movimentos e suas lutas.

d) a Oficina revelou a produção de saberes e ignorâncias dos seus participantes, ou seja, a incompletude dos saberes. Esta se deu ao longo das dinâmicas, discussões em grupo e momentos coletivos, porém, foi mais tensa no momento em que se perceberam interpretações acadêmicas e políticas distintas sobre a questão racial no Brasil e na América Latina e o uso do conceito de raça pelos ativistas do Movimento Negro brasileiro. Inicialmente, não houve concordância entre os ativistas negros e alguns intelectuais brancos presentes na Oficina 2 sobre o conceito de raça e sua operacionalidade na luta contra o racismo, no Brasil. Posteriormente, houve por parte dos intelectuais o reconhecimento da sua própria ignorância sobre a forma como o Movimento Negro brasileiro interpreta e adota o conceito de raça na sua luta política e o reconhecimento público de que seria necessário, da parte dos intelectuais, fazer outras leituras sobre o tema e repensar a forma como o conceito tem sido por eles interpretado.

e) Também em um dos subgrupos houve a discussão tensa sobre o machismo como uma concepção presente nos processos educativos e na cultura. Houve, também, o reconhecimento público de um dos ativistas de que a postura machista precisa ser superada na relação entre homens e mulheres dentro dos movimentos sociais.

f) E por último, a voz das mulheres indígenas de alguns países latino-americanos da Oficina 2 revelou para tod@s de que há diferentes lugares e processos para a cons-

trução dos saberes: para além da universidade convencional, muitos aprendem na Universidade da Vida. Nesta, fazem o seu mestrado nos processos de lutas que se dão nas ruas, nos confrontos com o poder. Realizam o seu doutorado nas prisões e no risco cotidiano à sua própria vida, pois não desistem de defender direitos básicos como: terra, água, território, o direito de ser como é na sua própria diferença de gênero, raça, etnia, orientação sexual, ou seja, o direito do digno e justo viver.

PARA ALÉM DA OFICINA 2

No decorrer do Fórum Social Temático, vários integrantes da Oficina 2 continuaram juntos, hospedados no mesmo hotel, em Canoas. Isso possibilitou a ampliação da troca e do interconhecimento pessoal, acadêmico e político.

Foi possível, portanto, criar uma rede de solidariedade para possibilitar a estada digna de vários colegas de outros países até o término do Fórum Social Temático: organização em pequenos grupos para ir às atividades junto com ativistas de outros países que não conheciam bem o espaço da cidade, informações sobre deslocamento, rateio financeiro entre os integrantes para possibilitar passeios conjuntos de todo o grupo.

Nessa dinâmica, os integrantes puderam participar de uma roda de capoeira angola na Capoeira Angola Nascente Palmares do Sul – Bairro Guajuviras, Canoas, sob a direção do Mestre Dino (José Rodolfo Carrinho Viana), um dos integrantes da Oficina. A ida à roda de capoeira, em uma das noites de convivência em Canoas, possibilitou conhecer mais de perto as narrativas a respeito da capoeira angola, uma forma de resistência afro-brasileira. Novamente se cruzaram: saberes e ignorâncias, intelectuais e ativistas, vida e de luta.